

**Um carro de sucesso**  
Gol, líder de vendas há 16 anos, atinge 4 milhões de unidades produzidas.  
Página 3

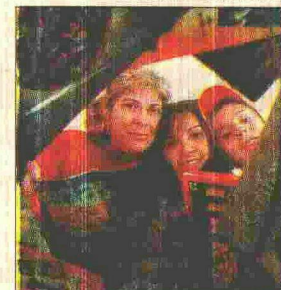
&amp; THE WALL STREET JOURNAL AMERICAS

# Economia

SEGUNDA-FEIRA, 7 DE JULHO DE 2003

De malas prontas

Com o câmbio mais favorável, brasileiros voltam a viajar para o exterior.  
Página 5



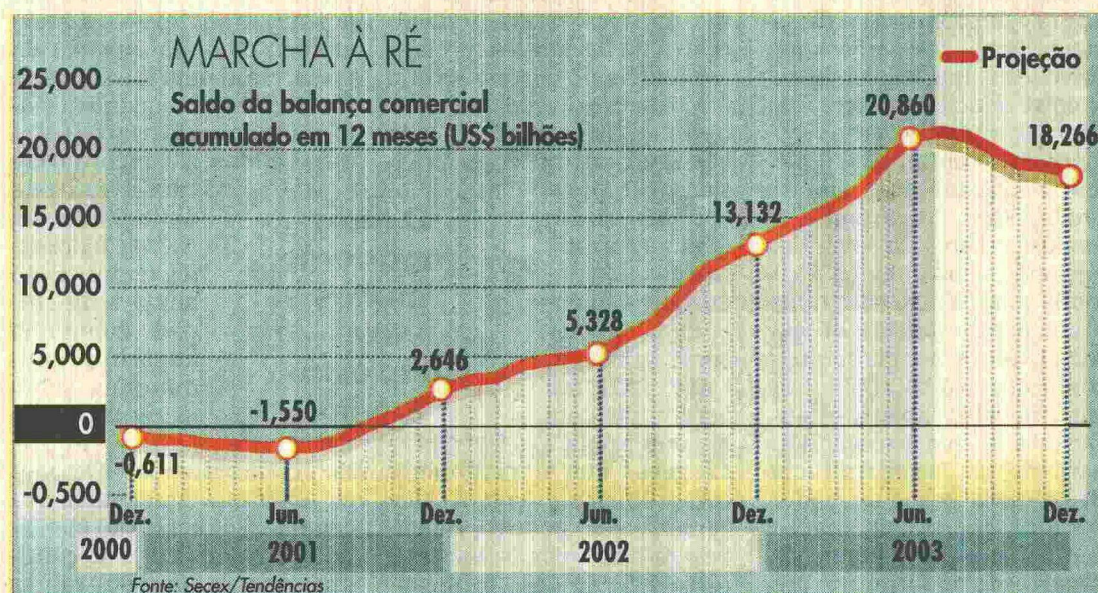
## Papel da exportação será modesto a partir de agora

**Discussão sobre o efeito da valorização do real sobre as vendas externas volta à pauta**

PATRÍCIA CAMPOS MELLO

A exportação pode deixar de ser o combustível da economia. A forte valorização do câmbio – no primeiro semestre, em termos reais, a moeda ficou 11% mais valorizada do que no segundo semestre do ano passado, quando ocorreu o boom das vendas externas – já está afetando a balança comercial, segundo especialistas. De acordo com cálculos da Tendências Consultoria Integrada, a exportação terá um papel bem mais modesto no crescimento deste ano. No ano passado, a absorção externa (que mede a demanda gerada pelas exportações e pela substituição de importações, isto é, produtos que eram importados e passam a ser produzidos aqui) carregou sozinho o crescimento de 1,5% do Produto Interno Bruto (PIB). Enquanto a absorção interna (demanda doméstica) caiu 1,3%, a externa cresceu 2,8%. Neste ano, o ritmo de crescimento da absorção externa será de 1,7% e a interna vai encolher 0,2%, resultando num crescimento do PIB de 1,5%. “Está havendo uma perda de dinamismo da absorção externa, em grande parte por causa da valorização cambial”, diz Julio Callegari, economista da Tendências Consultoria Integrada.

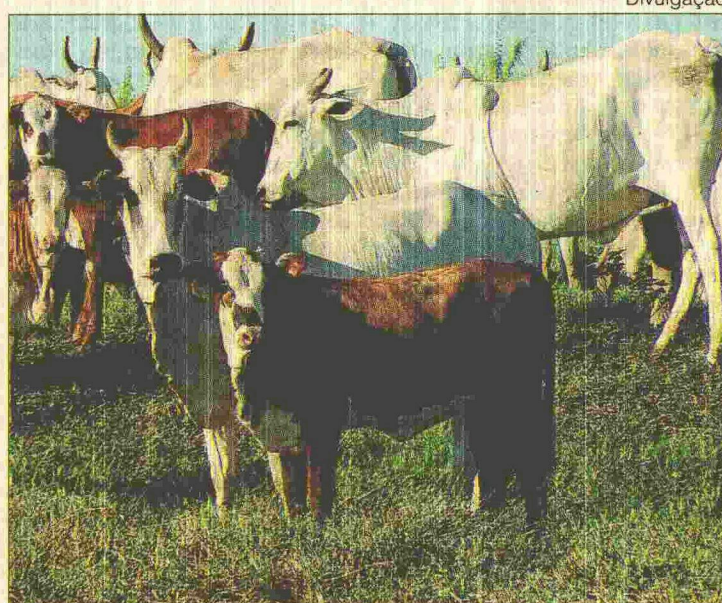
A discussão sobre a valorização do real e seus efeitos sobre as exportações ficou um pouco ofuscada diante da controvérsia sobre os juros. Mas, na semana passada, o tema voltou a ganhar força ao ser abordado pelo ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Luiz Fernando Furlan. “Se a taxa de câmbio



ficar nos níveis atuais, não só as exportações sofrerão um impacto, como também as importações serão estimuladas”, disse Furlan.

De acordo com o relatório trimestral de inflação do Banco Central (BC), “a contribuição do setor externo para o crescimento econômico em 2003 deverá continuar sendo positiva, apesar de em menor grau que em 2002”. Os técnicos do BC destacam que, já no primeiro trimestre deste ano, as exportações “não contribuíram com a mesma intensidade para o crescimento da demanda agregada”.

O câmbio menos favorável já está afetando o bolso dos exportadores. A Karsten calcula que a valorização do real tenha um impacto de 10% a 15% em suas margens. A empresa catarinense, que exportou R\$ 184,1 milhões em toalhas no passado, tinha projetado um câmbio de R\$ 3,30 para 2003. “Mas não vamos reduzir os embarques, estamos numa política de longo prazo e nos comprometemos a exportar 50% da produção”, diz José Roberto Schmitt, gerente de exportação da



Exportadores de carne já começaram a reduzir as vendas externas

Karsten. Além disso, conta Schmitt, a empresa usa insumos dolarizados, como algodão, ou importados, caso dos corantes. “Se o dólar cai, a rentabilidade diminui, mas os custos também.”

Os exportadores de carne já colocaram o pé no freio. “Tentamos negociar lá fora e segurar o

preço do boi, mas está difícil”, diz Edivar Vilela Queiroz, presidente da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec). Segundo Queiroz, já houve uma redução de cerca de 5% nos embarques de carnes.

O setor de calçados iniciou o ano com uma projeção de aumen-

tar em 20% as exportações. “Com o câmbio a R\$ 3,50, a projeção era fechar o ano com exportações de US\$ 1,7 bilhão. Agora, se empataremos com o ano passado, com vendas de US\$ 1,45 bilhão, já está bom demais”, diz Heitor Klein, diretor da Abicalçados. Segundo Klein, os exportadores vão ter problemas para compor preços competitivos. “Além disso, usamos insumos dolarizados que foram comprados na época em que o dólar estava R\$ 3,80”, diz. Para não deixar de exportar, a solução tem sido “simplificar” os sapatos. “Em vez de produzir calçados com muitos detalhes, estamos simplificando o design.”

Economistas ressaltam que dificilmente seria possível superar o crescimento das exportações do segundo semestre do ano passado, por razões estatísticas. No fim de 2002, as vendas externas tiveram um salto, porque houve a normalização

dos registros de embarques com o fim da greve da Receita Federal, além da taxa de câmbio mais alta. “Seria muito difícil repetir o desempenho do ano passado, porque o crescimento das exportações vinha de uma base muito reduzida e as importações não podem ficar caindo para sempre”, diz Callegari.

Para o economista, ao mesmo tempo em que a absorção externa vai cair, haverá um certo equilíbrio por causa da recuperação da demanda doméstica. A economia do País deve ter um reaqueci-

mento com a entrada de recursos do FGTS e aposentadorias, queda da inflação e consequente aumento da renda real.

Mesmo assim, o impacto na balança ressuscitou o debate sobre intervenção no câmbio. “Nenhum país emergente pode ter tanta volatilidade no câmbio”, diz o economista Luiz Gonzaga Belluzzo. O consenso agora é evitar regimes cambiais extremos, como currency board ou flutuação totalmente livre. “Estamos convergindo para regimes intermediários, como bandas implícitas.” Para Belluzzo, o governo deveria administrar o câmbio para manter a taxa competitiva. O economista defende o dólar entre

**Com o câmbio a R\$ 3,50, a projeção era fechar o ano com exportações de US\$ 1,7 bilhão.**

**Agora, se empataremos com o ano passado, já está bom demais**

Heitor Klein, diretor da Abicalçados.

R\$ 3,50 e R\$ 3,60. Cortar a taxa de juros mais rapidamente, reduzir a rolagem da dívida cambial e comprar reservas seriam as medidas mais óbvias.

“O desempenho atual da balança comercial é tudo o que a gente sempre quis. Então por que

pôr isso em risco, deixando o câmbio se valorizar?”, questiona Júlio Sérgio Gomes de Almeida, diretor-executivo do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi). Não que o câmbio a R\$ 2,80 arruine esse desempenho. Segundo cálculos de Almeida, com o câmbio no nível atual, o Brasil fecha o ano com um superávit de US\$ 17 bilhões. “O que é espetacular de qualquer maneira.” Mas com o câmbio considerado “bom” pelo Iedi, de R\$ 3,30, o saldo seria US\$ 3 bilhões superior.